

DROGAS

Gean Lúcio Gomes*

Em matéria de uso, vício e dependência, a análise requer a colocação da subjetividade, da experiência pessoal. É necessário sentir seus efeitos na pele, na mente, no preconceito, na alteração do metabolismo, e também as conseqüências.

Como usuário que fui e participante desse universo, tenho alguns ditos, fatos, experiências.

O contato inicial, em sua grandeza, acontece por intermédio da influência, em combustão com motivos pessoais: traumas. O desprezo paterno/materno, a falta do que comer, a discordância conjugal, quadro clínico de um familiar, enfim, um sentimento ilhado que, ao incomodar, impulsiona seu desaguar: as drogas, que por sua vez vão transformar totalmente o curso natural da vida, da honra, do bem estar pessoal.

Todas as classes sociais são alvo desta praga, tentados e atraídos para ela. Porém, há dentre todos o que possui maior vulnerabilidade, o que necessita tanto que o poder público garanta suas previstas atribuições, como que a entidade familiar exerça seu papel educativo.

Meu contato pessoal com as drogas se deu entre a puberdade e a adolescência – uma das fases mais difíceis de minha vida, posso ter certeza. Procurava desaguar todo aquele sofrimento no que me era mais propício, no que estava ao meu alcance, o uso. A amplitude do acesso nos locais de periferia e favelas, não desconsiderando o acesso nos centros das capitais, tornam-se pontes que hão de interligar o indivíduo ao consumo, e foi o que aconteceu comigo.

Nesse curso de uso pude ver inúmeras coisas, fatos trágicos, perdas vitais, desestrutura total. Muitos de minha faixa etária desviaram-se para o caminho das infrações criminais, o que acarretou em mortes, prisões etc.

A droga consegue afetar o sistema nervoso de duas formas: a mente sofre a alteração, e esta se reflete no corpo que, subseqüentemente, pagará e executará o

* Gean Lucio Gomes, brasileiro, ensino médio completo, soldado do Exército, 20 anos, morador da Região Metropolitana do Recife.

comando errôneo, indevido, do centro psicológico. Não há nenhum benefício, sem sombra de dúvida, que qualquer droga, sem distinção de gênero, possa trazer.

São necessários projetos sociais, das iniciativas públicas e privadas, das redes de comunicação. Porque por trás da farda profissional, da maquiagem feminina, do terno executivo, da caneta do escritor, enfim, no íntimo de cada pessoa existe um estado que independe dos governos externos, mas que pode ser mudado, lapidado, melhorado, com a força do querer.

O que nos falta muitas vezes é a “sensibilidade”, o sentir sem sofrer. Não se deve esperar que alguém dentre nós trilhe esse caminho, ou até nós mesmos. O prevenir, diz o dito popular, é melhor do que o remediar. O remediar custa muito mais caro que o prevenir.

Despertemos: vamos zelar pela nossa geração. Do nosso futuro somos os feitores, bem ou mal.

Há cura para o vício, uso e dependência. A força do querer, a terapia ocupacional, o desenvolvimento intelectual, a valorização do indivíduo como pessoa humana, servem como antídotos para esse veneno, que já temos enfrentado ao longo desses anos todos. Que não escolhe raça, gênero, classe social.

Enfim, somos capazes.